



Reflexões sobre práticas de Gestão de Pessoas no contexto das crises climáticas do Rio Grande do Sul

Ceped / 11 de julho de 2024 / Cidades

Cidades | Cristiane Fraga da Silveira Sastre e Andrea Poletto Ultramari apontam medidas que podem ser tomadas pelas organizações para auxiliar na percepção de segurança, bem-estar e estabilidade dos colaboradores no contexto de desastres

*Foto: Joel Vargas/Governo do Estado

Condições meteorológicas extremas continuam a causar graves impactos socioeconômicos em todo o mundo, desafiando a manutenção do planeta e o bem-estar humano. No ano de 2023, 132 mortes associadas a eventos relacionados à chuva foram registradas no Brasil, sendo 56% do total apenas no Rio Grande do Sul, estado que teve o último ano marcado por diversos eventos extremos – como a enxurrada que atingiu o Vale do Taquari em setembro, o ciclone de junho e as chuvas de novembro. Todos esses episódios estiveram relacionados a volumes de chuva expressivos concentrados em poucas horas, ainda que precedidos de alertas por parte do Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden) e da Defesa Civil.

Ainda se recuperando dos eventos de maio de 2024, o estado do Rio Grande do Sul novamente foi impactado pelo que se considerou o maior desastre climático de sua história, que afetou milhares de pessoas e as forçou a deixarem suas casas.

Considerando que perturbações ambientais podem afetar significativamente o mercado de trabalho e o desempenho organizacional e que a crescente frequência e gravidade desses eventos exigem que os estudiosos de gestão de pessoas desenvolvam e repensem práticas que apoiem os trabalhadores e as organizações, propõe-se a reflexão acerca das possibilidades de contribuição das práticas de gestão de pessoas no suporte a organizações e trabalhadores que vivenciam esse contexto.

É inevitável considerarmos que, em meio à ocorrência de perturbações ambientais, trabalhadores tendem a intensificar seu sofrimento, sua vulnerabilidade e os receios em relação à sua situação de trabalho. Nesse sentido, a gestão de pessoas tem o papel de auxiliar na manutenção do bem-estar emocional e da segurança desse trabalhador, assim como pode contribuir diretamente para o fortalecimento da resiliência organizacional.

Essa preocupação se intensifica ainda mais quando direcionada aos trabalhadores e às instituições relacionadas ao fornecimento de atividades classificadas como essenciais, as quais são demandadas de modo prioritário, ainda quando impactadas pelas consequências das crises climáticas, tais como os serviços médicos e hospitalares, de resgate a atingidos, a defesa civil, a assistência social, as seguranças pública e privada, a limpeza urbana e a desobstrução de vias, o fornecimento de água, energia, telecomunicação e alimentos, dentre outras.

O acesso e a preservação de oportunidades de trabalho e a disponibilização de benefícios básicos – mas muitas vezes escassos em episódios de crise climática –, como alimentação, transporte, disponibilização de atendimento clínico de saúde, acolhimento psicológico, acesso a doações e orientações sociais em relação aos seus direitos e benefícios governamentais, além da comunicação transparente e efetiva, são alguns dos exemplos de práticas de gestão de pessoas que se mostram essenciais no suporte aos trabalhadores. Nesse contexto, essas medidas podem fortalecer sua percepção de segurança, bem-estar e estabilidade, de modo a contribuir para a mitigação dos impactos negativos de estressores externos e para a promoção de um ambiente de apoio e resiliência organizacional.

Ainda que muitas organizações tenham sido diretamente afetadas pelos eventos climáticos e demandem um prazo significativo para recuperação das perdas de recursos econômicos, materiais e humanos decorrentes desse contexto, o estabelecimento de parcerias em diferentes esferas da sociedade – a partir da integração de esforços entre empresas, governo, ONGs e a comunidade em geral – se mostra essencial para a construção de um sistema de apoio robusto e resiliente. Essa união de esforços pode desvelar um relevante caminho para o estabelecimento e/ou resgate de práticas de gestão de pessoas que contribuam para o fortalecimento e a sustentabilidade dos trabalhadores e das organizações para além dos muros organizacionais.

Cristiane Fraga da Silveira Sastre é doutoranda do Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGA/UFRGS) e pesquisadora do Ceped/RS.

Andrea Poletto Ultramari é professora adjunta da Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (EA/UFRGS) e pesquisadora SOCIUS/SEG da Universidade de Lisboa.

Semanalmente, integrantes do Centro de Estudos e Pesquisas em Desastres (Ceped/RS), órgão vinculado à UFRGS, escrevem sobre a cultura de prevenção contra desastres para a seção Cidades. A curadoria é de [Ana Karin Nunes](#).

:: Posts relacionados



Apoio geotecnológico nas encostas do Rio Grande do Sul



As chuvas intensas de maio: o desastre que coloca nos holofotes a importância da gestão de riscos



A prevenção a desastres naturais exige cooperação entre estado e cidadãos

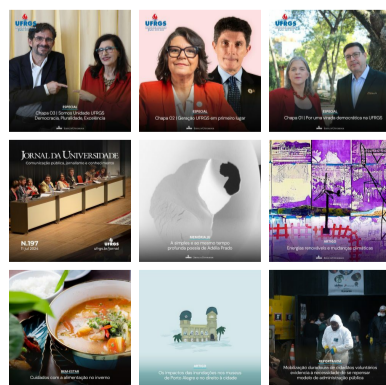


Desafios da comunicação de risco em desastres

INSTAGRAM

jornaluniversidadeufrgs
@jornaluniversidadeufrgs

Follow



View on Instagram

REALIZAÇÃO

JORNAL DA
UNIVERSIDADE

UFRGS
SECOM

UFRGS

CONTATO

Jornal da Universidade
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS

Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria – 8.andar | Câmpus Centro |
Bairro Farrroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP:
90040-060

(51) 3308.3368

jornal@ufrgs.br